

Representações de infâncias em Manoel de Barros: o exercício de ser menino

Childhood representation on Manoel de Barros: the perception of being a child

Representación y niñez en Manoel de Barros: la percepción de ser niño

Nubea Rodrigues Xavier
Universidade Federal da Grande Dourados
nubeaxavier@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5315-6074>

Magda Sarat
Universidade Federal da Grande Dourados
magdaoliveira@ufgd.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-9388-0902>

RESUMO

Temos como objetivo compor uma representação sobre as crianças, suas percepções, angústias, linguajar, mesclados com as descobertas e o devir infantil. Utilizaremos as Memórias inventadas do poeta Manoel de Barros, e como pressupostos metodológicos, os autores da sociologia da infância e as teorias eliasianas para pensar essa criança como um ser em formação, dependentes e partícipes de uma complexa teia de relações. Como resultados, depreendemos que os meninos deste poeta, transitam entre nacionalidades, etnias, raças, independentemente, de rótulos, títulos ou denominações, compondo as infâncias complexas, elaboradas por pulsões e emoções imputadas por uma civilidade adulta.

Palavras-chave: Memórias. Crianças. Civilidade.

ABSTRACT

This essay has a reflection about the children, their perceptions, anguish, language, mixed with the discoveries and the infantile becoming. We will use the invented Memoirs of the poet Manoel de Barros, and as methodological theories, the authors of the sociology of childhood and the Eliasian theories to think this child as a being in formation, dependent and participants in a complex web of relationships. As a result, we discover that the children of this poet, cross nationalities, ethnicities, races, regardless of labels, titles or denominations, composing the complex childhoods, elaborated by drives and emotions made by an adult civility.

Keywords: Memories. Children. Civility.

RESUMEN

Este ensayo tiene una reflexión sobre los niños, sus percepciones, angustia, lenguaje, mezclado con los descubrimientos y el devenir infantil. Utilizaremos las Memorias inventadas del poeta Manoel de Barros, y como teorías metodológicas, los autores de la sociología de la infancia y las teorías eliasianas para pensar a este niño como un ser en formación, dependiente y participante en una compleja red de relaciones. Para finalizar, descubrimos que los niños de este poeta, cruzan nacionalidades, etnias, razas, independientemente de etiquetas, títulos o denominaciones, componiendo la infancia compleja, elaborada por impulsos y emociones hechas por una civilidad adulta.

Palabras clave: *Memoria. Los niños. Civilidad.*

Introdução

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui
Um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui.
Acho o que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem.
Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em
vez de peraltagem eu fazia solidão.
(Manoel por Manoel, Memórias inventadas, 2003)

Esta citação do poeta Manoel de Barros indica a sua visão de mundo, a partir do olhar da criança que não deixou de ser, pois para ele, não havia poesia para adulto, porque seu adulto era feito de criança.

Falar de infância é rememorar, entretanto, na poética dele, tais lembranças, era muito mais que buscar suas memórias no passado, 'então eu trago das minhas raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas'. (A Primeira Infância, 2003), coisas estas, que partem da insignificância, das pequenitudes, dos silêncios e singeleza.

Temos o propósito de compor uma reflexão sobre as crianças, suas percepções, angústias e linguajar, mesclados com as descobertas, com o vir a ser.

Para este poeta, as infâncias se descrevem pela imaginação, espontaneidade e, em tom poético, cada palavra é pensada para encantar porque para ele, 'poesia não é feita para ser entendida, mas sim, para emocionar':

De um modo figurado, a ruptura na palavra se manifesta como "cisão" entre nomes e coisas. O poeta, volvido escavador de uma linguagem sem transparência, deve dedicar-se à procura de uma palavra que, já sem o crivo da tradição, ainda seja capaz de "falar" sobre o mundo. Paradoxalmente, é palavra que não se localiza no discurso da lógica e da racionalidade, pois este se dá como cerceamento e é percebido como limite (SUTTANA, 2009, p. 27).

Para isso, utilizaremos as obras dos três livros que compõem a série *Memórias inventadas*, *A Primeira Infância* – 2003, *A Segunda Infância* – 2006 e *A Terceira Infância* – 2008¹, para compreender como ele vai tecendo suas memórias infantis a partir das coisas miúdas, vasculhando as sucatas de lugares reinventados, sempre buscando os ‘achadouros’ de sua infância de maneira inocente, sem colocá-la como algo melancólico ou distante de ‘como era bom aquele tempo’.

A partir da sua poética, queremos elaborar um exercício sobre a criança contemporânea, suas percepções, invenções, angústias, descobertas e compreensões sobre seu cotidiano e suas relações.

Tomaremos como base teórica a sociologia da infância para pensar essa criança, por meio de autores como Bachelard (1988), Benjamin (1984), Chartier (1990), Cohn (2005), Khoan (2003), Lopes; Farias Filho e Fernandes (2007), Sarmiento; Gouvea (2009), os estudos de Suttana (2009) para análise da obra de Manoel de Barros, e as teorias eliasianas (1994 a; 1994b) que definem a criança como um ser em formação, dependentes e partícipes de uma complexa teia de relações.

Essas crianças são vistas como aquelas que criam e modificam suas culturas, porque elas interagem, negociam, compartilham suas realidades.

A originalidade delas, em consonância com a do espaço textual do poeta, como suas invenções de palavras, situações, contextos dos seus delírios e divagações de um poeta inventado por um menino levado da breca, vão nos mostrando os domínios e espontaneidade infantil.

A infância de Manoel de Barros, vivida no Pantanal sul-mato-grossense, vai deixando marcas, lastros mesclados com seu gosto de mexer e reinventar palavras, mas esse espaço recorrente não limita sua escrita a um regionalismo, nem as percepções da infância como aquelas únicas de um local só, mas as dispõe como as infâncias brasileiras, repletas de peculiaridades, complexidades e interdependências que não cabem numa categoria única de infância.

A partir do exposto, buscaremos a representação proposta por Chartier (1990, p. 27) que é a compreensão da sociedade e da sua relação com o mundo social, de como em diferentes lugares e tempos a realidade social é construída por meio de classificações, divisões e

¹ Como se trata de uma trilogia *MEMÓRIAS INVENTADAS* da obra de Manoel de Barros e não há numeração de páginas, usaremos nas citações o nome da obra e seu respectivo capítulo, dessa forma, ficarão respectivamente, *A PRIMEIRA INFÂNCIA*, referindo-se a primeira obra do ano de 2003, *A SEGUNDA INFÂNCIA*, publicação de 2006 e a, *TERCEIRA INFÂNCIA*, de 2008.

delimitações. Esses esquemas intelectuais criam figuras que permeiam o presente de sentido, essa realidade é constituída por diferentes grupos, não deixando de validar suas lutas e tensões.

Abordaremos a criança de Manoel de Barros não como etapa do que foi o adulto, ou ainda, dissociada, oposta da infância, mas sim, como um diálogo com a subjetividade do escritor poeta, mesclada com sua sensibilidade e criatividade de ser criança.

As imaginações de ser criança

Assim como as crianças, o poeta Manoel de Barros se coloca numa perspectiva infantil, 'Tudo o que não invento é falso', como no universo da criança, em que seu pensar e agir se faz numa amplitude de dar vazão a seus pensamentos e divagações, estabelecidas como real ou verdadeiro.

Na poética dele das Memórias Inventadas – A infância há uma frequente elucidação das lesmas, das lacraias, ossos, latas, limo e musgos, “eram esses pequenos seres que viviam ao gosto do chão que me davam fascínio” (A Primeira Infância, 2003, s/p), dos seres sem valor, dos quais, vão construindo sua percepção dos convívios da infância, despercebidamente pelos adultos, através das paredes, muros, calçadas, com marcas sutis e leves.

A sua inquietação em face do universo escrito é disposta pelas marcas quase invisíveis dos seres 'desimportantes'.

O poeta dispõe a criança em sua existência plena, a partir da criação, fantasia e concretude.

Tal postura pode ser notada desde a modernidade quando a criança passa a tornar-se o centro das atenções, tanto historicamente e socialmente, conforme propõe Khoan (2003), não sendo aquele que possui somente uma fase biológica, sobretudo, um ser em formação que interage ativamente em seu meio social.

A imagem da criança representa-se por uma imagem valorizada, dinâmica, inventiva, sensível e forte que se mescla com a simplicidade das coisas imperceptíveis, desconexas e cotidianas, dos quais, os adultos menosprezam ou ignoram.

Manoel compreende que a infância é um acontecimento, em que a criança faz o seu próprio tempo, compreende seus espaços e que pode e, deve aprender, errar e reaprender,

pois, dentre as suas temporalidades, há um tempo diferente a do adulto, de experiências² e descontinuidades.

Assim como dispõe Bachelard “as datas são respostas criadas a posteriori, são dos outros, de um outro lugar, de um tempo distinto daquele que se viveu” Bachelard (1988, p.101).

Acredita que a criança deva descobrir com suas experiências e, que estas, são necessárias para a formação delas, com as novidades, tentativas e aprendizagens.

Para o poeta, o adulto se deixa levar pelo automatismo e, mergulhar na infância é impor-se perante o prático, o exposto, o óbvio.

Para ele, esse exercício sobre a infância é ir além do real, é ser apanhador de desperdícios.

É buscar o que há de mais simples, ‘desobjetivar’ os objetos, compor a partir de sucatas a forma que se enxerga a realidade.

Em Memórias inventadas, temos uma infância desencadeada por uma maneira inventada de se ver o mundo, o poeta vai elaborando seus fatos mais simples como uma renovação, dando valor às pequenas coisas e animais que aos olhos das crianças tem sua importância, sua novidade.

Conduz o leitor a uma compreensão que os restos, o pequeno, o quase invisível que compõem os silêncios e que produzem um ‘escutar’ que ‘não desprezam as coisas desprezíveis’ (A Primeira Infância, 2003, s/p).

Há um constante convite de experimentação ao que o menino Manoel sente, faz, imagina, elabora, cria e revigora como as latas em meio à natureza, das quais, tem seu processo de fazer-se e desfazer-se e quando desagrega seu valor de objeto, elas se tornam desmanche:

Depois desse desmanche em natureza. As latas podem até namorar com as borboletas. Isso é muito comum. Diferentes de nós as latas com o tempo rejuvenescem, se jogadas na terra. Chegam quase até de serem pousadas de caracóis. Elas sabem, as latas, precisam chegar ao estágio de uma parede suja. Só assim serão procuradas pelos caracóis. Sabem muito bem, estas latas, que precisam da intimidade com o lodo obscuro das moscas. Ainda elas precisam de pensar em ter raízes. Para que possam obter estamos e pistilos. A fim de que um

² Para a sociologia da infância (Sarmiento, 2009), as crianças são entendidas com capacidades e competências ao seu modo de ser, de forma do que é produzido por ela, a partir das suas relações e do que se estabelece delas, é o que dá sentido aos seus recursos de simbolização, como o jogo, o brincar, a fantasia e a temporalidade recursiva.

dia elas possam se oferecer às abelhas. (A PRIMEIRA INFÂNCIA, cap. 9, 2003, s/p.).

A compreensão do como a criança enxerga seu mundo é uma controvérsia de valores entre o homem e a criança.

A composição de mundo infantil é elaborada por pequenos mundos que a fazem viver sua representação como realidade “e o menino deu para imaginar que o pente, naquele estado, já estaria incorporado à natureza como um rio, um osso, um lagarto” (A Primeira Infância, 2003, s/p).

Nesta obra, o poeta permite sentir o gosto de suas delícias de brincadeiras, escutar os rios e os ventos nas folhas, cheirando as lesmas e as borboletas, com um sentimento de ser criança que na falta das palavras, o faz com toda sua sensorialidade.

Ele não elabora uma infância do que foi a criança que se tornou adulta, mas daquela que ficou criança e decidiu manter-se no âmago da imaginação.

A compreensão e o sentido de cada palavra são analisados pensando com um único sentido, na mesma maneira como a criança também o faz, num sentido denotativo e pontual, assim como retrata a primeira poesia, Escova:

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor (A PRIMEIRA INFÂNCIA, cap. 1, 2003, s/p).

A criança elabora sua percepção e entendimento de cada palavra, primeiramente, em seu sentido literal, o que nem sempre possibilita os significados conotativos e de mundo.

Para ela, o termo arqueólogo, ainda era desconhecido, contudo, ao inventar o nome para a profissão, a denomina como sua visão de mundo, percepção infantil, o escovador de ossos.

Cada criança a partir da sua relação com o outro, da sua aprendizagem é que, concomitantemente, vai aumentando seu vocabulário, sua experiência.

Dessa forma, mesmo de maneira restrita, a criança elabora sentido sobre as palavras e, Manoel de Barros nos mostra esse processo com extrema inventividade e sensibilidade poética, como é o caso de outro trecho: “De outra feita, no meio da pelada um menino gritou: Disilimina esse, Cabeludinho. Eu não disiliminei ninguém. Mas aquele

verbo novo trouxe um perfume de poesia à nossa quadra”(A PRIMEIRA INFÂNCIA, cap. 8, 2003, s/p).

A linguagem próxima ao coloquial e de uma sintaxe solta é consonante com aquele que a criança costuma fazer. Assim, não há censura para a palavra, pois ele usa “a palavra para compor meus silêncios. Não gosto das palavras fatigadas de informa [...] só uso as palavras para compor meus silêncios” (A PRIMEIRA INFÂNCIA, 2003, s/p).

Sobre a sua aprendizagem formal no capítulo Parrrede, o menino disposto por Manoel de Barros, nos mostra como o início da puberdade e seus instintos desregrados³ é formatado pela escola.

Sobretudo pela maneira como o poeta dispõe a percepção do menino sobre o castigo e as normas dispostas pelo seminário. Conduzindo-nos ao seu sentimento e sua postura diante do que seria proibido ou não permitido.

Elementos como a contestação e relutância se faziam por meio de sua fantasia e fugas, dispostas pelo seu gosto pela leitura, pelas letras e por sua visão solitária de menino que aprendia afugentar-se do tédio das regras escolares.

Ademais, as pulsões e os instintos descritos por ele no capítulo Obrar e Parrrede, que denotam o ato de defecar e de se masturbar, se conduz naturalmente como as crianças costumam agir, antes de se adequarem às regras de etiqueta e convívio social.

Sobre a formação da criança acerca dos instintos desregrados e pulsões⁴, há duas obras do sociólogo Norbert Elias, em que a primeira delas, a Sociedade dos Indivíduos (ELIAS, 1994b) o autor dispõe que a criança não deve ser vista, somente, como maleável ou adaptável, mas como aquela que precisa das relações de interdependências sociais para tornar-se adulta.

E a outra obra, denominada Processo Civilizador: uma história dos costumes, Elias (1994a) define como processo civilizador as mudanças de estrutura social e comportamental ocorridas nas relações humanas num processo de longa duração.

³ Instinto é um impulso natural ou uma reação espontânea. Pulsão se apoia no instinto, mas não se reduz a ele. Sabemos que para a criança, as pulsões, desejos, instintos corporais e sexuais ocorrem de maneira natural, de forma que ela só aprenderá que soltar flatulência ou arrotar alto em público, por exemplo, é algo inadequado, aprendido em seu convívio familiar e, posteriormente, legitimado por outros grupos sociais, dentre esses, a própria escola, que este comportamento deverá ser contido ou evitado.

⁴ A partir dos estudos de Freud, pontuamos que pulsão sexual, seja diferente de instinto sexual, pois não se limita as atividades repertoriadas da sexualidade biológica, por constituir e impulsionar toda a série de manifestações psíquicas, que estão no fundamento do aparelho psíquico e de seu funcionamento. (PADILHA NETTO; CARDOSO, 2012, p. 530)

Para este sociólogo, tais mudanças, estão associadas a um controle, seja este exercido pelo Estado sobre o indivíduo, por meio de suas leis, dos próprios indivíduos em seu convívio social, ou ainda, do próprio indivíduo sobre si mesmo, denominado como autocontrole, um código social de conduta que acompanha as transformações ocorridas pela estrutura social por qual passa o indivíduo.

Esses componentes sobre as pulsões que aparecem neste capítulo da poesia, apesar de tão desconexas para a composição de uma obra poética, acaba sendo feita de maneira singela e com um entrelaçamento de proposições, o de defecar na roseira:

Obrar seria o mesmo que cacarar. Sei que o verbo cacarar se aplica mais a passarinhos. Os passarinhos cacararam nas folhas nos postes nas pedras do rio nas casas. Eu só obrei no pé da roseira da minha avó. Mas ela nem ralhou nem. Ela disse que as roseiras estavam carecendo de esterco orgânico. E que as obras trazem força e beleza às flores. (A PRIMEIRA INFÂNCIA, cap. 2, 2003, s/n)

Ao retratar o avô em sua venda em falência, nos conduz às brincadeiras de crianças, a uma lógica desproporcional e única advinda da infância, além de uma visão poética pantaneira sobre os fatos cotidianos da vida, fugindo da maneira adulta de contextualizar o mundo, sem a preocupação, sem exigências ou constatações óbvias ou práticas:

Agora o avô morava na porta da Venda, debaixo de um pé de jatobá. Dali ele via os meninos rodando arcos de barril ao modo que bicicleta. Via os meninos em cavalo-de-pau correndo ao modo que montados em ema. Via os meninos que jogavam bola de meia ao modo que de couro. E corriam velozes pelo arruado ao modo que tivessem comido canela de cachorro. Tudo isso mais os passarinhos e os andarilhos era a paisagem do meu avô. Chegou que ele disse uma vez: Os andarilhos, as crianças e os passarinhos têm o dom de ser poesia. Dom de ser poesia é muito bom! (A INFÂNCIA, cap. 6, 2003, s/p).

Nesta primeira obra Memórias Inventadas destacamos a infância de palavras descomparadas de Manoel de Barros.

Como aquela que não se perdeu e que sorratamente vai colocando a criança e suas infâncias junto com os pequenos bichos e sucatas com “respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes” (BARROS, 2006, p. 73-74) tornando-se um apanhador de desperdícios.

Elege a visão, dentre os sentidos sensoriais, para demonstrar como vivificou seu mundo pântano, repleto dos vestígios infantis, imaginação e reminiscências.

Os meninos e seus entre lugares das infâncias

Nas Memórias inventadas – A segunda infância, não há uma definição de tempo cronológico sobre a criança ou de uma fase ou período.

Há sim, marcas, indícios e vestígios sobre um ser em formação, ‘nada havia de mais prestante em nós senão a infância’ que se compõe se desenvolve na busca de conhecimento sobre o corpo, enquanto sentimento pela vida e seus valores, ‘que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós’ (A Segunda Infância, 2006, s/p).

Nesta obra o devir-criança, vai se construindo por meio do conhecimento sobre o sexo e do entendimento do que seria importante para a vida.

Vai compondo-se, inventando, investigando como aquele que tenta montar uma Oficina de Desregular a Natureza.

Demonstrando como a criança em seu período de experimentação, curiosidade e invenção, elabora sua compreensão de mundo, valores e interação com seus grupos sociais.

A inventividade e a singeleza curiosa da criança são dispostas pelo poeta, com a definição de que nos compomos por meio de nossa relação social, em que participamos não somente de uma infância como categoria social, mas de infâncias no plural:

Os diversos estudos sobre a infância coincidem em reconhecer as diferenças e desigualdades nas formas de vivê-la. Recusam uma concepção uniformizadora da infância. Reconhecem que as diversas culturas revelam uma variedade de infâncias em vez de um protótipo único. Há coincidências em que falar em infância única é um equívoco. Há infâncias (SARMENTO; GOUVEA, 2009, p. 130; 131).

A formação de uma criança se compõe de interrelações, trocas, convivências em espaços e grupos distintos, tanto formal ou institucionalizada como de seus vínculos familiares e sociais.

Manoel, ao compor as infâncias existentes na cidade branca “a cidade onde a gente morava foi feita em cima de uma pedra branca enorme. E o rio paraguaio, lá embaixo, corria com suas piranhas e os seus camalotes” (A Segunda Infância, 2006, s/p), nos mostra como a criança, diferentemente do adulto, consegue participar e transitar de maneira simples e descomplicada sobre os mais diferentes espaços, grupos, classes sociais e diferentes culturas “Tinha um Bolivianinho, boliviano pé de pano entre os guris” (A

Segunda Infância, 2006, cap. 9, s/p) sem os pré-conceitos ou pré-definições de exclusão, separação ou divisão.

No capítulo sétimo, Gramática do Povo Guató, o menino bisbilhoteiro interage com o índio Rogaciano, um bugre, que “andava pelas ruas de Corumbá bêbado e sujo de catar papel por um gole de pinga no bar de Nhana” (A Segunda Infância, cap. 8, 2006, s/p).

O menino aprende com este, que os verbos são para emendar os nomes e que, não é só na sua língua que há beleza nas palavras, o belo e enigmático, também, podem estar nos olhos e ouvidos de quem quer enxergar ou escutar.

Para ele, o outro, mesmo que ignorado e desprezado, trouxe aprendizado, explicação para as curiosidades de menino que gostava das letras:

Era a gramática mais pobre em extensão e mais rica em essência. Constava de uma só frase: Os verbos servem para emendar os nomes. E botava exemplos: Bentevi cuspiu no chão. E mais: O cachorro comeu o osso. O verbo comer emendou o cachorro no osso. Foi o que me explicou Rogaciano sobre a Gramática do seu povo. Falou mais dos exemplos: Mariano perguntou: - Conhecer fazer canoa pessoa? Perigo Albano fazer. Respondeu. Rogaciano, ele mesmo, não sabia nada, mais ensinava essa fala sem conectivos, sem bengala, sem adereços para a gurizada. Acho que eu gostasse de ouvir os nadas de Rogaciano não sabia. E aquele não saber me mandou de curioso para estudar linguística. Ao fim me pareceu tão sábio o Chamã dos Guatós quanto Sapir (A SEGUNDA INFÂNCIA, cap. 8, 2006, s/p).

No capítulo Pelada de Barranco temos uma diversidade cultural de crianças que vão elaborando as infâncias pantaneiras:

Um menino Guató chegava de canoa e embicava no barranco. Teria remado desde cedo para vir ocupar a posição de golquíper no Porto de Dona Emília Futebol Clube. [...]. Metade de nossos craques eram filhos de lavadeiras e outra metade de pescadores (A SEGUNDA INFÂNCIA, cap. 17, 2006, s/p).

A criança de Barros é aquela que se insere na produção de conhecimento, de descobrimento, de escarafunchar e desconstruir os fatos cotidianos de maneira mais criativa e desconexa que somente as crianças o conseguem fazer.

Objetos, pessoas e animais ganham um olhar único pela ótica infantil, toda a inventividade da criança se insere em suas obras Memórias inventadas, as brincadeiras e as construções de significado são elaboradas por uma significância de comparações e relações entre o seu conhecimento de mundo e pelo que quer descobrir:

Logo fizemos a Borboleta beata. E depois fizemos Uma ideia de roupa rasgada de bunda. E a fivela de prender silêncios. Depois elaboramos A canção para a lata defunta. E ainda a seguir: O parafuso de veludo, O prego que farfalha, O alicate cremoso. E por último aproveitamos para imitar Picasso com A moça com o olho no centro da testa. Picasso desregulava a natureza, tentamos imitá-lo. Modéstia a parte (A SEGUNDA INFÂNCIA, cap. 17, 2006, s/p).

No capítulo Lacraia, o imaginário infantil se faz na oposição de significados e significantes, a máquina em oposição à natureza, inanimação e alma, vagão e gomos. Deus e homem, ingenuidade e malvadeza, toda uma composição de vida/morte; natureza/progresso; criancice/responsabilidade; curiosidade/discrição são elaborados por Barros com uma singularidade e simplicidade particulares da infância:

A lacraia parece que puxava vagões. E todos os vagões da lacraia se mexiam como os vagões de trem. A lacraia parece que puxava vagões de trem. E ondulavam e faziam curvas como os vagões de trem. Um dia a gente teve a má ideia de descarrilar a lacraia. E fizemos essa malvadeza. Essa peraltagem. Cortamos todos os gomos da lacraia e os deixamos no terreiro. Os gomos separados como os vagões da máquina. E os gomos da lacraia começaram a se mexer. O que é a natureza! Eu não estava preparado para assistir aquela coisa estranha. Os gomos da lacraia começaram a se mexer e se encostar um no outro para se emendarem. A gente, nós, os meninos, não estávamos preparados para assistir àquela coisa estranha (A SEGUNDA INFÂNCIA, cap. 2, 2006, s/p).

O escritor compreende a criança não como aquela inocente, frágil, dependente como descrita em períodos anteriores pela historiografia da infância, sobretudo, a define como a criança de seu tempo, complexa, dotada de características distintas e que sabe compreender, significar e interpretar o mundo à sua volta.

Durante os capítulos da Segunda Infância, a criança vai crescendo, se desenvolvendo como um menino que começa a ter noção de seus instintos, de sua mudança, de sua composição de entre - lugar da pré-adolescência.

O olhar do menino que vai dimensionando e vendo a natureza com formas não mais infantilizadas, Pinteí sem lápis a Manhã de pernas abertas para o Sol.

E que a elaboração da vida se faz por toques, prazeres, carne e esperma “A gente já sabe que esperma era a própria ressurreição da carne” (A SEGUNDA INFÂNCIA, cap. 6, 2006, s/p).

A concepção, fecundação, emprenhar e nascimento se fazem por sementes, salivas, ventos, areia, água e poesia, ele delineia um florescimento de vida através da morte, elucidação e renascimento:

Agora, de volta, achamos o pote tibi de emprenhado. A barriga do pote fosse agora um canteiro arrumado. Estava bom de criar. Foi que veio um passarinho e cagou na barriga do pote uma semente de roseira. As chuvas e os ventos deram à gravidez do pote forças de parir. E o pote pariu rosas. E esplendorado de amor ficou o pote! De amor, de poesia e de rosas. E havia perto, por caso, um sapo destripado e seco. A abertura do ventre do sapo também se encheira de areia e cisco. Também se fizera um canteiro arrumado. Foi que outro passarinho veio e cuspiu outra semente de rosa no ventre do sapo. E outra rosa nasceu na primavera. As rosas do sapo e do pote foram abençoadas de borboletas que pousavam nas roseiras. Houvemos júbilo! (A SEGUNDA INFÂNCIA, cap. 9, 2006, s/p).

Todos os elementos da natureza agem para o florescimento de um fóssil e fascinação e fantasia de um objeto que se transforma num devaneio de criança, simulacro, imbricação de vida e beleza.

A percepção de outro sexo oposto aparece em sua poética, não há mais, somente a mãe e a avó como na Primeira Infância.

Aparecem a filha indiana, da senhora viúva da pensão da rua do Catete, assim como a namorada que via errado, além das outras mulheres que observa e admira.

Sensualidade, erotismo e a humanização da natureza se convertem num jogo de palavras e imagens que embelezam um amanhecer “A manhã era mulher e estava de pernas abertas para o sol” (A SEGUNDA INFÂNCIA, cap. 3, 2006, s/p).

Entretanto, estar crescido para o poeta não quer dizer que perderá sua sensibilidade para as coisas de crianças e, se converterá ao que adulto já não possui mais, a preocupação com as coisas desimportantes como a velha paraguia ao observar o moço no rio a catar caracóis o denomina um bocó:

Bocó é sempre alguém acrescentado de criança. Bocó é uma exceção de árvore. Bocó é um que gosta de conversar bobagens profundas com as águas. Bocó é aquele que fala sempre com sotaque das suas origens. É sempre alguém obscuro de mosca. É alguém que constrói sua casa com pouco cisco. É um que descobriu que as tardes fazem parte de haver beleza nos pássaros. Bocó é aquele que olhando para o chão enxerga um verme sendo-o (A SEGUNDA INFÂNCIA, cap. 6, 2006, s/p).

Ele vê a criança como aquela que também enxerga a dor, a solidão, os sentimentos que também machucam; pesos que a fase adulta vai dispendo sobre a infância:

Ninguém era responsável pelas preferências dos outros. Nem isso era uma brincadeira. Podia ser um sonho saído do Desprezo. Uma senhora de nome Ana Belona queria ser árvore para ter gorjeios. Ela

falou que não queria mais moer solidão. Tinha um homem com o olhar sujo de dor que catava o cisco mais nobre do lugar para construir outra casa. Não sei por quê aquele homem com olhar sujo de dor queria permanecer no Desprezo. Eu não sei nada sobre as grandes coisas do mundo, mas sobre as pequenas eu sei menos. (A SEGUNDA INFÂNCIA, cap. 7, 2006, s/p).

Coloca a criança como aquela de Benjamim (1984) sujeita de diálogo e que produz uma cultura com sua relação com o adulto, que participa, compreende, elabora e se impõe.

Sua criança é aquela que nas suas brincadeiras ou travessuras se reinventa como ser social, delineando uma poética infantil em face da movimentação da vida e de sua contextualização.

Infância tem fim?

Na Terceira Infância das Memórias Inventadas podemos inferir que para Manoel de Barros sua infância nunca saiu de suas memórias, o menino não quis crescer, quis ficar assim, como criança, com passarinhos e andarilhos, figura nas quais, compõe sua inventividade, sua facilidade de ir e vir tão sorrateiramente e enxergar desimportâncias peculiares daqueles que geralmente não são vistos.

Nesta obra, ele reluta em tornar-se outro, senão menino, retoma suas imagens, cheiros e lembranças, a partir das traquinagens, travessuras, brincadeiras e devaneios, rememora inventivamente a poética do delírio e da experimentação já que para ele, A imaginação é mais importante do que o saber.

Inicia seu primeiro capítulo sob o título de Fontes definindo que será a partir desse legado, de aprender com passarinhos, andarilhos sobre a liberdade e amor à natureza que continuará criança.

Seu último capítulo, Soberania, legitimará que o vareio da imaginação é que perpetuaria o menino levado da breca e suas rãs, seus passarinhos, suas lagartixas, suas pedras, garças, peixes e seu rio, presente de sua mãe, como incrustação de menino, homem e poeta.

Como quebra de seus silêncios, ouve o grito de sua mãe, o chamado pelo berrante do pai.

Conquanto não responde a nenhum dos dois, é o canto distante da seriema que encompridava a tarde que determina sua escolha de permanecer, teimoso em sua opção

de ficar pregado na vida das palavras ao modo que uma lesma estivesse pregada na existência de uma pedra (A Terceira Infância, cap. 7, 2008, s/p).

Na busca pela escolha dos elementos que o conduzirá a Jubilação, o poeta faz escolha pelas palavras.

São elas que o fará inventar as coisas que aumentassem o nada, a faceirice e a contemplação pela Corumbá revisitada “Em algumas palavras encontramos subterrâncias de caramujos e de pedras” (A Terceira Infância, cap. 7, 2008, s/p).

Logo as palavras se apropriavam daqueles fósseis linguísticos. “Se a brisa da manhã despetalasse em nós o amanhecer, as palavras amanheciam” (A Terceira Infância, cap. 7, 2008, s/p) e que o conduzirá a criar e reinventar os sentidos das coisas.

Suplanta-se e se apoia na criança que fora, através do pai e no avô, entretanto, os toma como pilar, talvez porque ambos perfilam uma liberdade e certa ausência de anormalidade que o conduz a uma sublimação e descaminho para a formação de um menino que se deixa levar pelo encantamento e delírio das coisas que fazem bela a nossa linguagem.

Num movimento cíclico, inscreve-se nos delírios e imagens criancieiras, camufla-se no couro das costas dos sapos, diverte-se como cachorro a correr de uma tarde, descansa como rã sentada sobre uma pedra e viaja tentando pegar na bunda do vento.

São as palavras que o dominam, o conduzem às circunstâncias entre o limiar das suas criancices e normalidade adulez como reconciliação paradoxal entre sua consciência e abstração:

Ao ler a poesia de Manoel de Barros, utilizando a ideia de imagem como elemento de reconciliação, queremos entrever na ruptura a própria possibilidade de reconciliar. No entanto, nada podemos afirmar sobre isso: no início, tentamos apenas demarcar esse espaço de linguagem – cotidiano e familiar –, onde a “presença” das coisas é dominada pelo conhecimento que se tem delas e onde a “voz” da natureza é só um pálido eco de sua multiplicidade profunda e criadora. Nesse espaço, tentamos situar um movimento de imagem, procurando pressentir também o sopro que revitaliza nela o desgaste da palavra. Se a poesia de Manoel de Barros sequer uma poética do “insignificante”, daquilo que a linguagem imediata conduziu para a periferia, gerando um silêncio de esquecimento à sua volta, há que buscar o ponto de inflexão e quebra do silêncio. Assim numa certa ótica, no espaço das coisas inúteis, a palavra se alimenta de imagem se sonha o próprio poema como imagem. Aqui, a imagem poética tem algo daquilo que se pode relacionar com um retorno do material à “matéria opaca ou resplandecente”, ou, talvez, àquela que transcende o mundo da utilidade, para se tornar ela mesma, comprometida com a totalidade da natureza de onde proveio (SUTTANA, 2009, p. 16-17).

Manoel de Barros se concretiza por detrás da palavra, extrapola o significado literal, quer, por meio delas simplesmente encantar, saindo livre sem observâncias às regras ou delimitações, apenas mostrar seu encanto.

Percebemos que elas que o vinculam à sua maneira de ser menino que, assim como as marcas de uma infância, transgridem os espaços, as limitações, as ordens, os modelos, porque para a criança, transgredir imita a traquinagem, como passar por debaixo da lona do circo ou pisar na grama, com placas de proibido pisar.

Barros expõe que a criança pós-moderna se impõe a partir de sua interação entre ela e os adultos, produz significações autônomas, com peculiaridades, advindas de seu lugar social:

Nas interações com adultos, mediadas por produtos culturais a ela dirigidos, a criança recebe, significa, introjeta e reproduz valores e normas, ou habitus, tidos como expressões da verdade. A criança é depositária e destinatária dos discursos e práticas produzidos sobre a infância, não existe um sujeito criança anterior ou externo a tal produção (GOUVEA, 2009, p. 111).

Ele enxerga a criança com espontaneidade, inquietude, inventividade e transgressão, à distância da definição de ser ingênuo, a ser moldado passivamente pelo adulto.

Considera que a criança é participativa, parceira da relação adulto-criança. Desse modo não são apenas os adultos que intervêm junto das crianças, mas elas também que intervêm junto dos adultos (Gouvea, 2009).

No fechamento de sua trilogia sobre a infância, não há uma separação entre menino/homem, como uma fase biológica de nascimento e início da fase adulta. Há sim um pacto de permanecer com os baús abertos de seus achadouros, para brincar com suas formigas, sapos, lacraias e borboletas já que o homem não tem soberania nem pra ser um bentevi.

Algumas considerações...

As memórias sobre a infância de Manoel de Barros são dispostas em caixinhas de papelão, amarradas com laços ajeitados minuciosamente, com folhas sem numeração e com iluminuras de cores simples e belas. As iluminuras são gravuras elaboradas por

Martha Barros, pintora nascida no Rio de Janeiro, filha de Manoel de Barros, que realizou várias ilustrações em outras obras do poeta, como: Livro de pré-coisas, Ensaios fotográficos, Tratado geral das grandezas do ínfimo, Cantigas por um passarinho à toa, Poeminhas em língua de brincar (A SEGUNDA INFÂNCIA, 2006)

Podemos compará-las com as garatujas infantis, impressas nas caixas de nossas memórias que costumamos guardar em locais especiais, acomodadas e repletas de cuidados, as quais esporadicamente retomamos para rememorar sentimentos, momentos únicos, pessoas ou lugares especiais.

As caixinhas das infâncias do poeta são abarrotadas de reflexão mimética e beleza. São tão simples e graciosas, que se alguma criança a tivesse ganho como presente, a elegeria como brinquedo ao invés de brincar com o conteúdo.

Essas caixinhas, ao serem abertas, mostram que seus conteúdos nos fazem soltar a criatividade, voltarmos ao primitivo, do chão batido, dos quintais repletos de mato, lugares esquecidos que o progresso abandonou, de pessoas invisíveis ao olhar adulto, de coisas que ganham vida e de uma pequenez que se agiganta a partir da ótica de poeta.

Sua poética do 'deslimite', termo utilizado por Renato Suttana, poeta, pesquisador e escritor, elaborou o livro sobre a poesia de Manoel de Barros, resultado de sua dissertação de mestrado, defendida em 2005 na PUC de Minas Gerais. Este livro teve como objeto central a noção de imagem poética. Para ele, a imagem, nos conduz a um questionamento acerca das relações que unem palavras e coisas, seu livro é dividido em duas partes: a primeira traz a imagem no poema, demonstrando elementos fundamentais da maneira como a imagem se configura na obra do poeta sul-mato-grossense, Manoel de Barros; e a segunda, como a imagem, se desenvolve entre o espaço das coisas e das palavras.

Tais percepções sobre a infância não farão uma incisão entre as etapas da infância e fase adulta, mas sim, um limiar constante entre o que somos e como gostaríamos de ser, entre o que fomos e os vestígios do menino que vivemos, entre o imaginar e a realidade.

Toda a trilogia nos faz utilizar todos nossos sentidos, como crianças que não nos contentamos com o olhar, apenas, sobre um objeto.

Somos levados a tocarmos nos passarinhos e borboletas, cheirarmos o lodo, a ferrugem; o cheiro de peixe que vem do rio; comermos a rapadura trazida pelo mascate e as guaviras catadas no mato; ouvirmos o som do marno caramujo, o frenético e barulhento conquistar das cigarras nas árvores.

As palavras das Memórias Inventadas nos inebriam com suas idas e vindas, entre o agora, o ontem e o que se tornou o menino bocó que no lugar da bicicleta prefere o osso. Que tem dúvidas sobre seu corpo e seus afetos, nos mostrando como seus comportamentos foram inculcados pelo seu convívio social.

A lata, o verme, a lacraia, a pedra, os sapos que fizeram sua formação de mato, com as oralidades de pássaros, com palavras que incorporam as formas da natureza, guardando delírios para serem tomados notas em nosso caderno da vida:

De modo geral, pode-se dizer que a poesia de Manoel de Barros suscita a questão das relações entre a palavra e as coisas, típica da poesia moderna, e responde a ela com uma semântica peculiar. Para o poeta, mergulhar na experiência poética equivale, inicialmente, a mergulhar no espaço do mundo. Olhando para as coisas que o cercam, o poeta sente que a linguagem, nos seus aspectos canônicos, tem algo de cerceador e é, portanto, incapaz de recobrir a multiplicidade dinâmica da experiência vivida. Também a experiência interior, em sua dimensão problemática, escapa ao âmbito da linguagem costumeira: a riqueza do sonho e da fantasia, bem como das relações mais essenciais com o mundo, transcende os contornos de tal linguagem – sempre repetidora e estabilizadora do conhecido –, para refletir a complexidade do eu que “troca” e se “mistura” com o espaço exterior. Por outro lado, se as relações com o mundo são sentidas como relações de trocas, infusões e incrustações (para usarmos alguns termos do poeta), a experiência da palavra é retomada na mesma dinâmica. O poema, repositório de formas desgastadas e fragmentos da linguagem cotidiana, é também um repositório de imagens do mundo. Criar o poema equivale a recriar o mundo, em seu dinamismo; e experimentar a palavra é experimentar o mundo, nos seus momentos originários. (SUTTANA, 2009, p. 15-16).

Suas crianças são desde, as mais falantes que nos dão graça, as mais feinhas, sujas, espertas que nos causam sentimentos ou mesmo tímidas ou introspectivas, como o menino Manoel, nos ensina as coisas simples e singelas, com uma imposição sutil, uma espontaneidade inventiva e vontade peculiar, de ser ela mesma. São infâncias diversas, únicas e simples, que partem da pequenez e do sensível para se fazer compreender e se concretizar.

Na sua relação com adulto elas não são passivas, há disputas, comparação de forças, transgressões e disputa de poder. A criança que reluta em adequar seus instintos, pulsões aos comportamentos descritos dentre de uma normatização, que se contrapõe as regras escolares, subvertendo o padrão adulto para se fazer criança.

A criança participa, interage, conquista, negocia, aprende e ensina. Não há inocência ou imparcialidade, a infância de Manoel de Barros é aquela que constantemente

faz o seu exercício de ser criança. Amparando-se nos autores da sociologia da infância como Gouvea (2009), Sarmiento; Gouvea (2009) que dispõem que a criança não só participa dos grupos sociais, como também produz cultura, pontuamos as infâncias do poeta sul-mato-grossense como aquelas que as crianças são protagonistas das relações que vivenciam. Elas se impõem e se adequam às suas relações com seus pares e com os adultos.

Barros nos dá imagens das infâncias descritas no seu adulto fazedor de versos com uma aproximação da sensibilidade, conhecimento de mundo que vão elaborando seus arranjos e devaneios poéticos. A criança de Manoel é ao mesmo tempo concretude e abstração, singeleza e perspicácia, mesmo o bocó é motivo de aprendizado, as horas deixadas de lado, vistas como inúteis pela ótica adulta, acaba sendo consubstanciado como horas de aprendizado.

As infâncias deste poeta passam por conflitos entre o primitivismo da criança e a civilidade proposta pela perspectiva adulta. Conforme nos aponta Elias (1994b), a criança é direcionada a determinados comportamentos que obtém, “somente na companhia de outras pessoas mais velhas, é que, pouco a pouco, desenvolve um tipo específico de sagacidade e controle de instintos”. (ELIAS, 1994b, p. 28). Pela obra poética, observamos o quanto a espontaneidade e naturalidade dos comportamentos infantis são direcionadas ou elaborados pela normatização de uma infância civilizada, pensada pelo adulto.

Assim, os instintos, pulsões, sentimentos e desejos infantis vão sendo elaborados em meio à natureza. Para então, partir para uma compreensão do que seja sua relação social, suas intervenções e modelações sociais.

Manoel de Barros nos mostra uma relutância do menino em encaixar-se nas regras adultas, nas designações do que seja importante ou valoroso para adultos. A proibição no comportamento espontâneo da criança, em relação às cobranças de regras dos adultos, é um fator de separação entre a fase da infância e a preparação para a vida adulta (ELIAS, 1994b, p. 175).

Sua percepção para o mundo das coisas é o que tem significado, e vai sorratamente, aos poucos, nos convencendo, também, através de seus sentimentos, pensamentos, atitudes e paixões:

Achei que os eruditos nas suas altas abstrações se esqueciam das coisas simples da terra. Foi aí que encontrei Einstein (ele mesmo – o Alberto Einstein). Que me ensinou esta frase: A imaginação é mais importante do que o saber. Fiquei ancorado! E fiz uma brincadeira. Botei um pouco de inocência na erudição. Deu certo. Meu olho começou a ver de novo as pobres coisas do chão mijadas de

orvalho. E vi as borboletas. E meditei sobre as borboletas. Vi que elas dominam o mais leve sem precisar ter motor nenhum no corpo (A TERCEIRA INFÂNCIA, cap. 10, s/p, 2008).

Consideramos que Manoel de Barros nunca deixou de ser o pequeno, cismado e esquisito, como mesmo denominava-se, tornado sua poesia uma continuidade de suas brincadeiras de infância, desregulando a natureza com sua arte de palavras.

Há pouco publicado acerca da intimidade do poeta, exceto pelo documentário elaborado por Pedro Cezar⁵, que nos proporciona um pouco mais sobre o processo de criação, além de seus causos, pessoas e amigos íntimos, o que nos indica um pouco mais sobre a timidez, simplicidade e produção poética inventada e imaginada.

Neste documentário, podemos ver o poeta em seu escritório, com suas cadernetas com capas recortadas por ele mesmo, produzem o inútil, seus bloquinhos de anotações estão organizados numa prateleira em formato de inúmeras gavetas, das quais retira de cada uma delas os guardados de sua inventividade, grafadas com letras miúdas e delicadas, resquícios de um velho que se recusa largar a meninice.

Seu linguajar de criança, com palavras simples, coloquiais, inventadas reitera e ajuda a manter abertos os buracos feitos para os seus achadouros da sua primeira infância.

Sem embargo, insistentemente, na segunda e terceira infâncias despratica as normas e vai enchendo o tempo, sendo pedra para conviver com lagartos e musgos, sendo rio para as garças o abençoarem e, acima de tudo, sendo menino levado da breca que não se cansa de pegar na bunda do vento.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes. 1988.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a Primeira infância**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

_____, Manoel de. **Memórias inventadas: a Segunda infância**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

_____, Manoel de. O apanhador de desperdícios. In. PINTO, Manuel da Costa. **Antologia comentada da poesia brasileira do século 21**. São Paulo: Publifolha, 2006. p. 73-74.

⁵ Pedro Cezar, cineasta brasileiro elaborou um filme sobre momento íntimos de Manoel de Barros, intitulado 'So Dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros'. Produção Biscoito Fino, 2010. Direção de Kati Almeida Braga, Direção artística: Olivia Hime.

_____, Manoel de. **Memórias inventadas**: a Terceira infância. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

BENJAMIM, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a, vol. 2.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. **A escrita da história da infância**: periodização e fontes. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

KHOAN, Walter. **Infância**: entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LOPES, Alberto; FARIA FILHO, Luciano Mendes; FERNANDES, Rogério. **Para a compreensão histórica da infância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PADILHA NETTO, Ney Klier; CARDOSO, Marta Rezende. Sexualidade e pulsão: conceitos indissociáveis em psicanálise?. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 529-537, Set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 15/07/18.

SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SUTTANA, Renato. **Uma poética do deslimite**: poema e imagem na obra de Manoel de Barros. Dourados, MS:UFGD, 2009.

Submetido em 17/03/2017

Aprovado em 08/10/2019

Licença *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)